

Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife - 2005

ASPECTOS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO RECIFE

Em 2000, três Unidades de Desenvolvimento Humano (UDHs) do Recife superam o IDH da Noruega, país com o mais alto índice no Relatório da ONU. Por outro lado, as UDHs do município com os índices mais baixos aproximam-se do valor encontrado para a Bolívia. Tal disparidade é exatamente a mesma verificada entre os municípios de Pernambuco.

Apesar de o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) 2000 de Recife ser 0,797, as diferenças entre as Unidades de Desenvolvimento Humano (UDHs) da capital pernambucana variam de 0,632 (em Ilha Joana Bezerra/São José – Zeis Coque), o índice mais baixo, a 0,964 (em Boa Viagem/Pina - Orla, Av. Herculano Bandeira), o índice mais alto. A distância entre esses dois extremos do município – 0,332 – é a mesma encontrada entre os dois extremos de Pernambuco: Manari (IDH-M de 0,467) e Paulista (0,799). A grande diferença entre um caso e outro está no nível do indicador, pois as UDHs de Recife estão em um patamar mais alto: enquanto os municípios vão da categoria¹ *Baixo* à *Médio-Alto*, as UDHs vão do *Médio-Médio* ao *Alto Desenvolvimento Humano*.

A distância observada entre as UDHs do Recife, em termos de desenvolvimento humano, é pouco superior àquela que separa países como a Noruega (0,942) e a Bolívia (0,632).

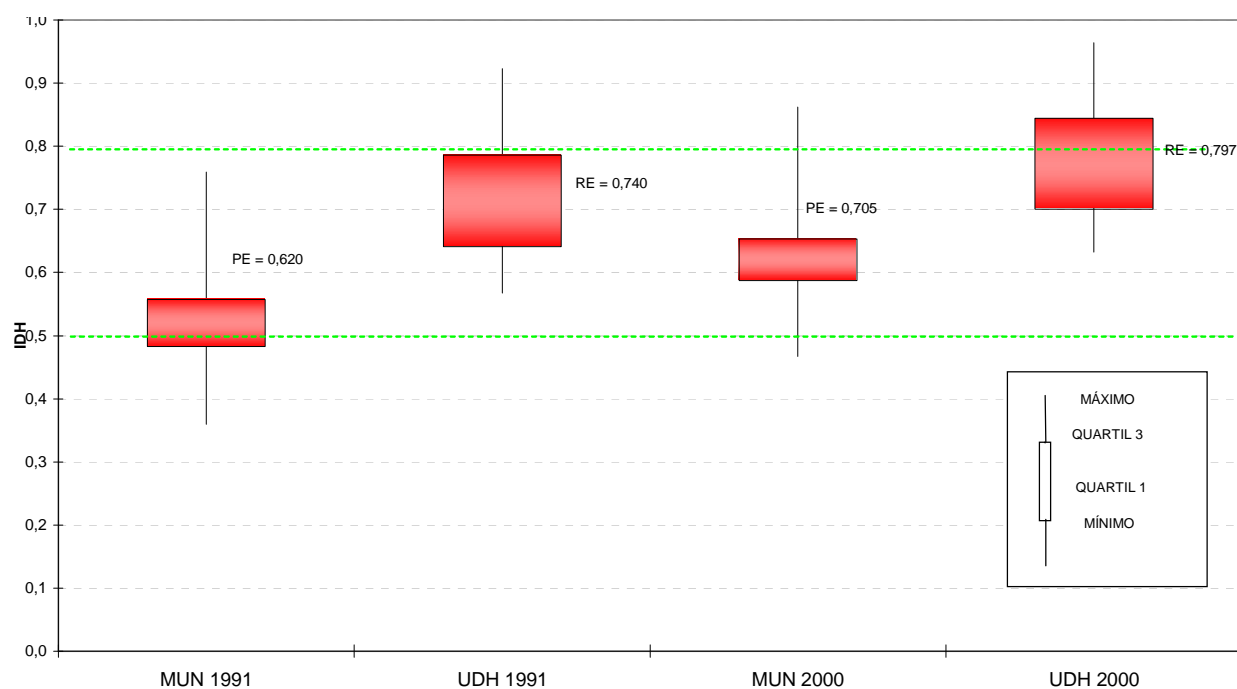
Mais duas UDHs têm IDH-M mais alto que o da Noruega: Graças/Aflitos/Derby/Espinheiro e Boa Viagem-Shopping. Outras três situam-se entre o da Noruega e o de São Caetano do Sul (0,919), o município brasileiro com o mais alto IDH-M.

Comparando-se com Pernambuco, em 34% das UDHs o IDH-M é mais alto que o do município de Paulista, enquanto em 60% dos municípios do estado o IDH-M é mais baixo que o da Ilha Joana Bezerra/São José - Zeis Coque, o menor IDH-M entre as UDHs do Recife.

¹ O IDH varia entre 0 e 1, com a seguinte classificação: *Baixo Desenvolvimento Humano* (0 a 0,49); *Médio Desenvolvimento Humano* (0,5 a 0,79) e *Alto Desenvolvimento Humano* (0,8 a 1). Para efeito de análise, dividiu-se o *Médio Desenvolvimento Humano* em: *Médio-Alto* (IDH entre 0,7 e 0,79), regiões com tendência acentuada para o alto desenvolvimento; *Médio-Médio* (IDH entre 0,6 e 0,69), e *Médio-Baixo* (IDH entre 0,5 e 0,59), regiões com resquícios de baixo desenvolvimento.



Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) 1991 - 2000 Municípios de Pernambuco versus UDHs do Recife



Tanto no Recife quanto em Pernambuco e Brasil, a dimensão com o subíndice destacadamente mais alto é educação. Isso também ocorre nas UDHs do Recife, exceto em duas, em que o subíndice renda é ligeiramente superior.

Diferentemente do que ocorre no Brasil e em Pernambuco, cuja seqüência de importância dos subíndices para a composição do IDH-M é: *educação, longevidade e renda*, no Recife o subíndice *renda* supera o de *longevidade*.

Em todas as UDHs, em 2000, *educação* é também o subíndice mais alto, à exceção de duas, mesmo assim com valores bastante parecidos: *Boa Viagem/Pina-Orla, Av. Herculano Bandeira e Casa Forte/Parnamirim/Jaqueira/Monteiro*, nas quais o subíndice *renda* é maior. Em apenas 17 Unidades de Desenvolvimento Humano o subíndice *renda* supera o de *longevidade*.



Todas as Unidades de Desenvolvimento Humano (UDHs) do Recife apresentaram crescimento do IDH-M durante a década de 90. Na maioria delas, tal como ocorre no município, quase sempre os incrementos mais altos se deram na dimensão educação. Apenas no Recife Centro- Zeis Coelho/AP Comunidade Pilar registram-se decréscimos durante a década de 90, na dimensão renda, que passou de 0,640 para 0,627.

Entre 1991 e 2000, Recife apresentou uma evolução pouco significativa em termos de desenvolvimento humano. Seu IDH-M passou de 0,740 para 0,797, determinando um recuo, nesse período, da 437ª posição para a 624ª entre todos os municípios brasileiros. Esta é uma situação que ocorre com praticamente todas as capitais brasileiras, exceto com Vitória que melhorou sua posição no ranking nacional nesse período, passando da 25ª posição para a 16ª e Florianópolis, que permaneceu na 4ª posição.

Em Pernambuco, Recife caiu da 1ª posição 1991 para a 3ª em 2000 (depois de Fernando de Noronha e Paulista).

Em 2000, as Unidades de Desenvolvimento Humano do Recife distribuíam-se, quanto às categorias do IDH-M, em: a) *Alto Desenvolvimento Humano*: 20 UDHs, correspondendo a 34% da população; b) *Médio-Alto Desenvolvimento Humano*: 28 UDHs e cerca de 43% da população; e c) *Médio-Médio Desenvolvimento Humano*: 14 UDHs e 23% da população.

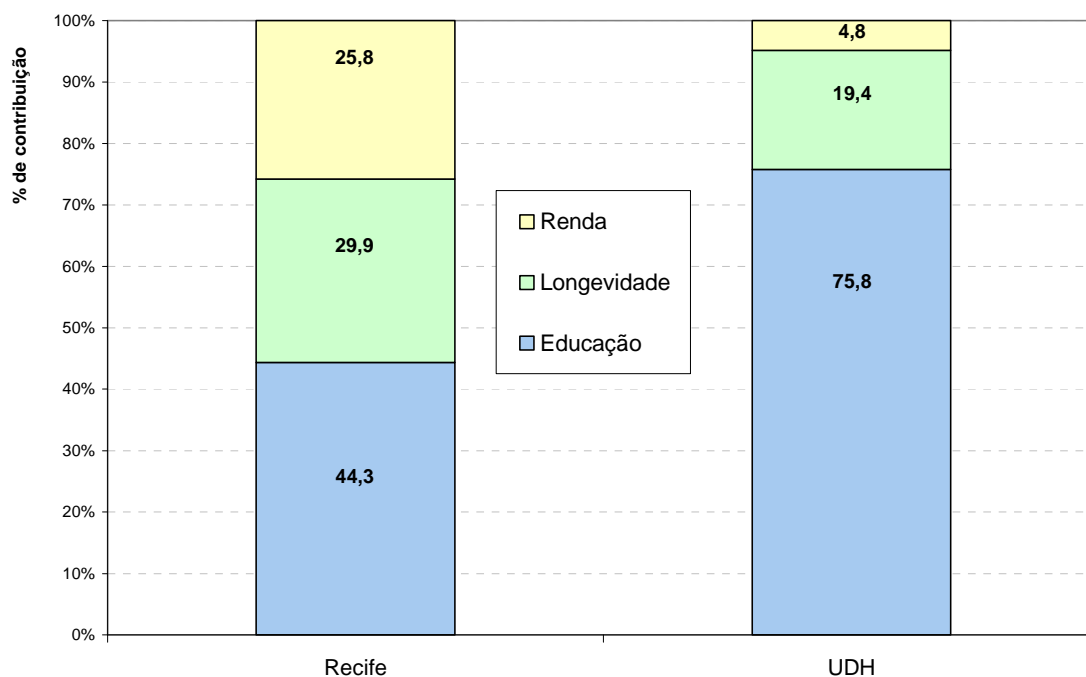
Tal situação revela um significativo avanço em relação a 1991, quando na categoria de *Alto Desenvolvimento Humano* havia 15 UDHs, que representavam 26% da população; na de *Médio-Alto Desenvolvimento Humano*, 13 UDHs e 22% da população; na *Médio-Médio Desenvolvimento Humano*, 31 UDHs e 48% da população. Havia ainda três UDHs, que abrigavam 4% da população do Recife, na categoria *Médio-Baixo Desenvolvimento Humano*, com 3 UDHs e 4% da população.

A melhoria nos indicadores da dimensão *educação* foi o fator que mais contribuiu para o crescimento do IDH-M em quase todas as Unidades de Desenvolvimento Humano. Destaca-se Iputinga - Zeis Vila União/AP Detran, cujo IDH-M-Educação passou de 0,648 para 0,843. Em apenas quatro UDHs os incrementos do subíndice *renda* superaram os de *educação* e *longevidade* (Santa Teresinha/Bomba do Hemetério - Zeis Casa Amarela; Torre/Zumbi; Barro/Sancho/Tejipió; Casa Amarela/Tamarineira) e em 13 delas o incremento em *longevidade* foi maior do que o de *educação* e *renda*.

O único decréscimo no período ocorreu na dimensão *renda* no Recife Centro - Zeis Coelho/AP Comunidade Pilar, cujo subíndice passou de 0,640 para 0,627.



Contribuição das dimensões na evolução do IDHM no Recife nas UDH's entre 1991 e 2000



Além do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH-M) e de seus subíndices, o Atlas disponibiliza os indicadores que os compõem e vários outros, que dão grande suporte a uma interpretação mais detalhada da realidade do município. Em educação, além do analfabetismo, podem ser analisados indicadores mais exigentes em termos educacionais como analfabetismo funcional (menos de quatro anos de estudo) e o analfabetismo fundamental (menos de oito anos de estudo). Esses indicadores são particularmente relevantes quando avaliados segundo faixas etárias. Em Longevidade, além da expectativa de vida ao nascer, pode ser estudada a mortalidade infantil. Em Renda, além da Renda *per capita*, podem ser avaliadas a proporção de pobres e a desigualdade na distribuição de renda, aspectos muito importantes em um país com notória desigualdade nessa distribuição.

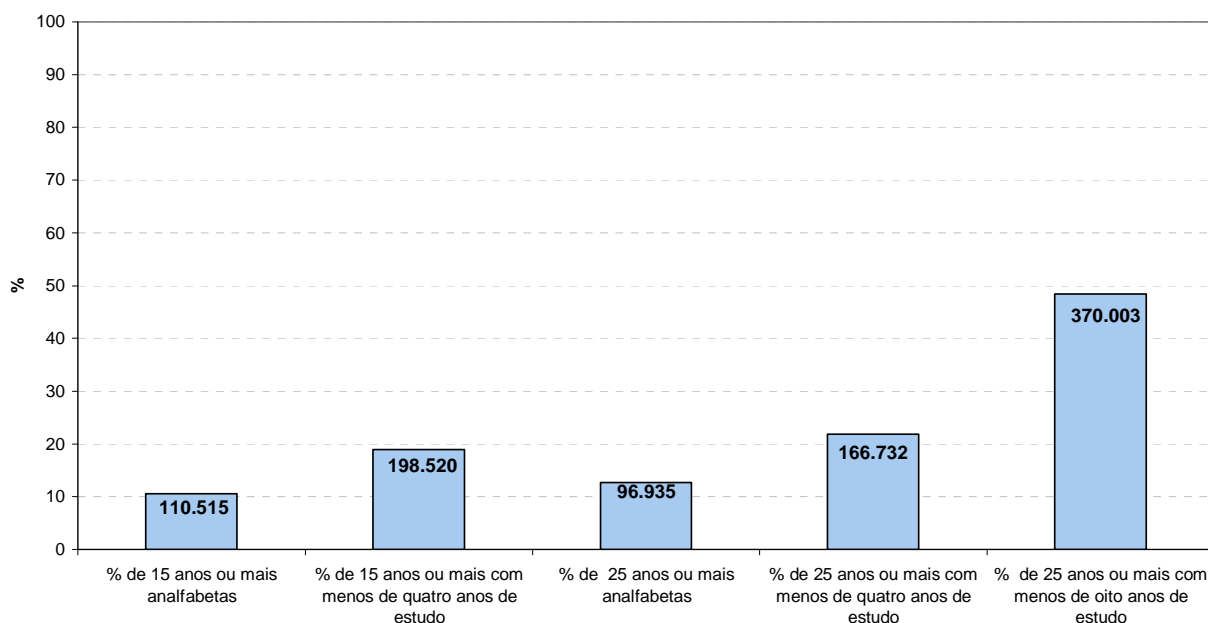


Educação

Um dos indicadores levados em conta no IDH-M Educação é a taxa de analfabetismo das pessoas acima de 15 anos, entendendo-se por analfabeto a pessoa que se declara incapaz de ler e escrever um bilhete simples, conforme a definição para a pesquisa do Censo. Se fossem observados outros indicadores de definição mais precisa, os números mudariam substancialmente.

Por exemplo, a proporção de pessoas de 15 anos e mais com menos de 4 anos completos (analfabetos funcionais): enquanto o total de analfabetos do município do Recife é de 10,5%, a taxa de analfabetismo funcional é de 19%. Isso representa um contingente de 198 mil de analfabetos funcionais, superior à população da grande maioria dos municípios do estado (somente outros cinco superariam este montante).

Anos de estudo 2000 - RECIFE



Nas Unidades de Desenvolvimento Humano, a taxa de analfabetismo da população acima de 15 anos varia entre 2% (*Boa Viagem - Shopping*) e 24% (*Ilha Joana Bezerra/São José - Zeis Coque*), sendo que em 35% das UDHS este indicador apresenta resultados acima de 25%.

O analfabetismo funcional nesta mesma faixa etária varia entre 4% e 44% nas mesmas UDHS. Vale destacar que seis UDHS têm taxa de analfabetismo funcional mais alta do que o município brasileiro que apresenta o melhor resultado para esse indicador – Bom Princípio/RS, com 6% – e que 22



apresentam taxas melhores que o município de Pernambuco com a melhor taxa – Paulista, com 16%.

Se o IDH-M fosse calculado com as taxas de alfabetização funcional, o IDH-M de Recife, como o de todas as UDHS, cairia de modo expressivo até mesmo naquelas em que o IDH-M já era mais baixo. Por exemplo, na UDH Ilha Joana Bezerra/São José-Zeis Coque, o IDH-M passaria de 0,632 para 0,589, determinando que ela passasse da categoria *Médio-Médio* para *Médio-Baixo Desenvolvimento Humano*.

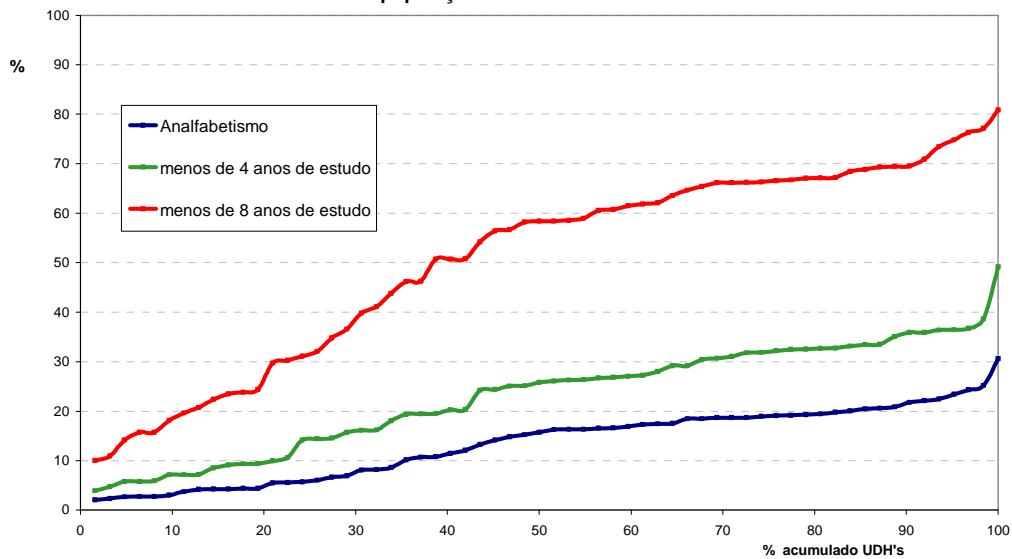
A taxa de analfabetismo fundamental da população adulta (pessoas de 25 anos ou mais que têm menos de 8 anos de estudo) do Recife, município com a melhor taxa entre todos de Pernambuco, chega quase à metade de sua população adulta (48%). Em 62% das UDHS é ainda mais alta. Na maioria das UDHS a taxa de analfabetismo fundamental corresponde a mais de 50% da população adulta, constituindo um contingente de 370 mil pessoas – maior que a população total de todos os municípios do estado, à exceção do próprio Recife e de Jaboatão dos Guararapes. As duas unidades com melhor resultado (Boa Viagem - Shopping e Graças/Aflitos/Derby/Espinheiro, com taxas de 10%) exibem indicadores significativamente melhores do que a do município brasileiro com melhor resultado, Niterói/RJ, com 31%.

Realizando-se o mesmo exercício anterior para o cálculo do IDH-M com a taxa de analfabetismo fundamental, obtém-se para todas as UDHS uma sensível queda nos valores do IDH-M. O IDH-M de Boa Viagem/Pina-Orla, Av. Herculano Bandeira chegaria a 0,934, deixando de ser maior que o da Noruega, e o da Ilha Joana Bezerra/São José-Zeis Coque chegaria na fronteira do *Baixo Desenvolvimento Humano*, com 0,507.

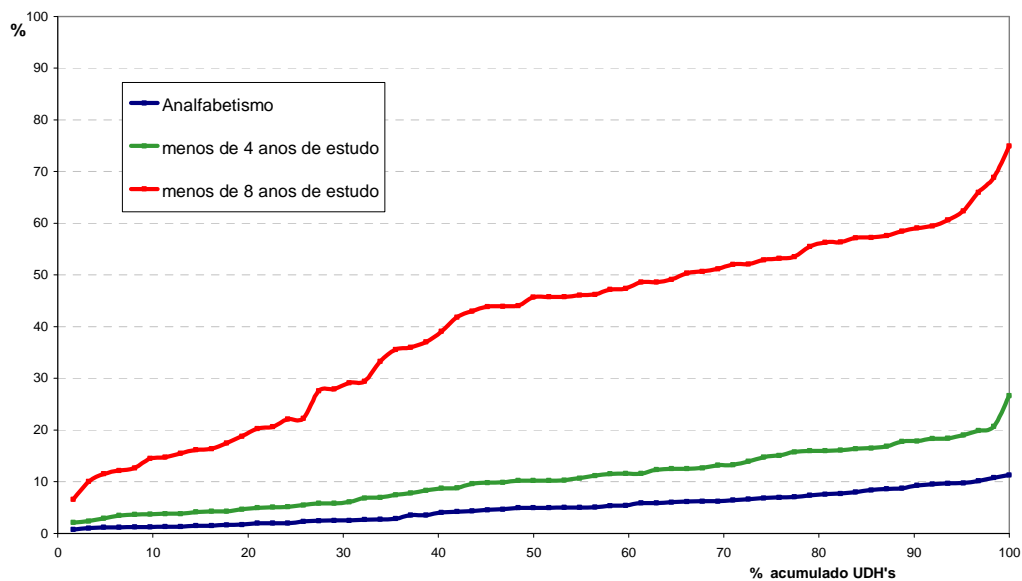
A descrição anterior permite traçar algumas perspectivas. Um cidadão com menos de 8 anos de estudo (ensino fundamental incompleto), considerando os crescentes requisitos mínimos para o completo acesso das pessoas às disponibilidades do mundo moderno e para o pleno desenvolvimento de suas potencialidades, pode ser considerado praticamente um analfabeto. Sob esse ângulo, a situação da região requer muito esforço, principalmente quando se projeta essa taxa para outras gerações, como a de jovens adultos (18 a 24 anos), que, com certeza, tiveram melhores oportunidades de acesso ao ensino do que as anteriores. Mesmo apresentando melhores indicadores educacionais que a população acima de 25 anos, são expressivos os contingentes desse grupo etário que deverão entrar na fase adulta despreparados do ponto de vista educacional e, pior do que isso, perpetuando as diferenças já verificadas entre as Unidades de Desenvolvimento Humano para a população adulta. Assim, as melhores e as piores taxas continuam ocorrendo nas mesmas UDHS, com o agravante de que as Unidades de Desenvolvimento Humano com os piores resultados praticamente mantêm os patamares para as duas gerações. Por exemplo, na Ilha Joana Bezerra/São José-Zeis Coque a taxa de analfabetos fundamentais para a população adulta é de 81%, para a de jovens entre 18 e 24 anos é de 74%. Isso também pode ser verificado para o município como um todo, cujo esforço inter-geracional representa apenas uma diferença de 48% para 40%.



UDH - Nível educacional 2000
população de 25 anos e mais



UDH - Nível educacional 2000
população de 18 a 24 anos



Mortalidade Infantil

Com relação à mortalidade infantil, apenas 11 Unidades de Desenvolvimento Humano já conseguiram atingir o patamar proposto pela ONU para o Brasil em 2015, nas “Metas do Milênio”: 17 mortes para cada 1000 crianças nascidas vivas (2/3 do valor observado para o país em 1990).

Vale distinguir a situação entre as UDHs:

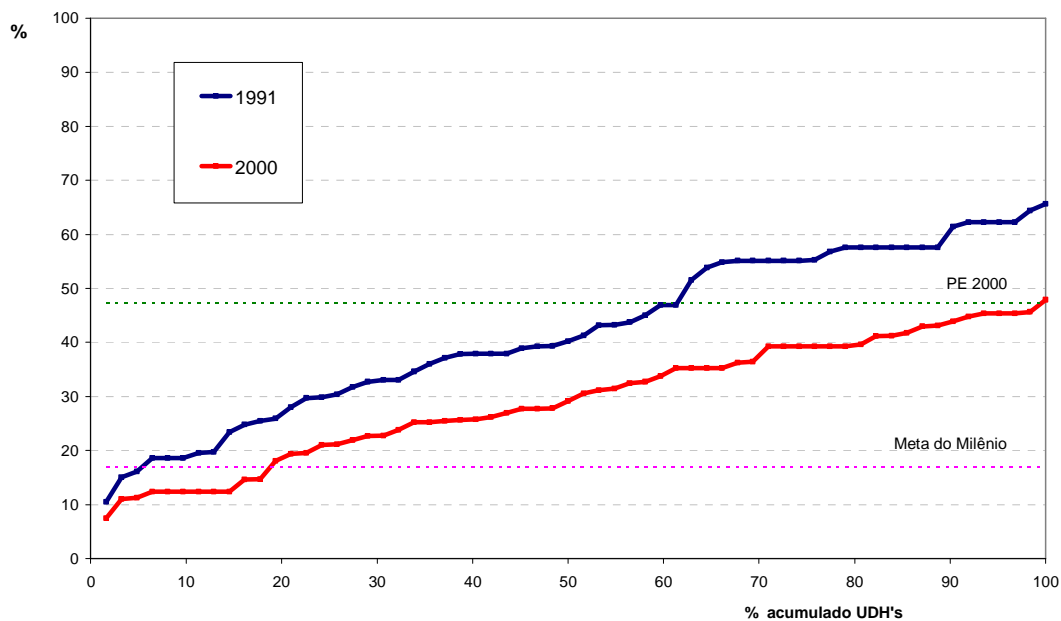
- De todas as Unidades de Desenvolvimento Humano que ainda não haviam atingido a meta do milênio em 2000, 20 estariam entre o patamar da meta e a média do município (30 por mil),



valor que é ainda quase duas vezes a meta. A outra metade ainda necessitaria de esforços muito grandes; os indicadores de Santo Amaro - Zeis Santo Amaro e João de Barros, os piores resultado do município (48 por mil), são quase três vezes maior do que a meta. Considerando o ritmo de decréscimo observado para Recife entre 1991 e 2000, seriam necessários 20 anos para que as duas UDHs chegassem à meta do milênio.

- Mesmo para aquelas UDHs com melhores resultados, ainda há o que melhorar, haja vista que o indicador mais baixo, observado em Boa Viagem/Pina-Orla, Av. Herculano Bandeira (7 p/mil), mesmo sendo muito bom, ainda está acima dos melhores resultados encontrados para o país. Em São Caetano do Sul/SP, esta taxa chega a 5,4 mortes/mil.

**UDH - Taxa de Mortalidade Infantil
1991 e 2000**





Renda

O IDH-M leva em conta a renda média das Unidades de Desenvolvimento Humano. *Boa Viagem/Pina-Orla, Av. Herculano Bandeira* é a UDH com a maior renda *per capita* do município: R\$ 1863,64 em 2000, o que representa quase o dobro da maior renda *per capita* verificada entre os municípios brasileiros (Água de São Pedro - SP, R\$ 954,65) e 22 vezes maior que a menor renda *per capita* entre as UDHs – Ilha Joana Bezerra/São José-Zeis Coque (R\$ 86,15).

Verifica-se também que, em 2000, metade das UDHs tem renda *per capita* menor que a média do estado de Pernambuco (R\$ 183,76), 65% menor que a média do Brasil (R\$ 297,23) e 75% menor que a média do Recife (R\$ 392,46).

Os maiores incrementos verificados em renda foram justamente nas UDHs com as maiores médias, todas elas com renda bem superior à do município. O maior ocorreu justamente na UDH com maior renda *per capita* em 2000 e 1991: *Boa Viagem/Pina-Orla, Av. Herculano Bandeira*. Apenas o incremento verificado na década nesta UDH (R\$ 586,22) representa um montante que é maior que a renda *per capita* da maioria das UDHs (82%), de todos os municípios brasileiros, à exceção de apenas 14 e de todos os municípios do estado. Por outro lado, os menores incrementos ocorreram nas UDHs com menores rendas médias em 2000 e 1991; houve inclusive decréscimos de renda na UDH Recife Centro Zeis Coelho/AP Comunidade Pilar, de R\$ 181,72 para R\$ 168,65.

Tal situação está diretamente refletida em outros indicadores, mas principalmente na desigualdade de renda. No município de Recife a desigualdade aumentou, como se percebe em qualquer um dos indicadores de desigualdade de renda considerados (Gini, Theil e relação 20/40). Se o Brasil tem uma das piores desigualdades na distribuição de renda do mundo, os indicadores de Recife são ainda piores dos que o do país em qualquer um deles.

Em 2000, o Brasil tinha Índice de Gini de 0,65, Índice de Theil de 0,76 e a relação 20/40 (quanto, em média, os 20% mais ricos ganham em relação aos 40% mais pobres) 21 vezes; no Recife esses indicadores são, respectivamente, de 0,68, 0,88 e 28 vezes.

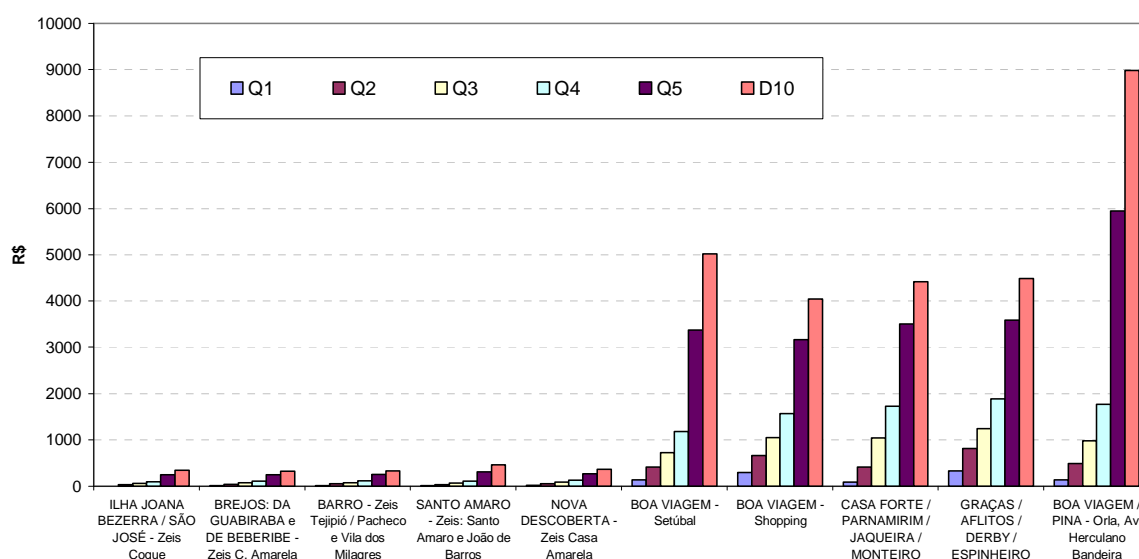
Evidentemente, os indicadores de desigualdade a partir da perspectiva das Unidades de Desenvolvimento Humano mostram-se de forma completamente distinta. Dado o criterioso trabalho de divisão espacial do município em UDHs com o maior grau de homogeneidade possível, a desigualdade dentro delas é muito menor que a do município. Enquanto no Brasil 75% da desigualdade total pode ser explicada pelas desigualdades intramunicipais, ficando apenas 25% por conta das desigualdades entre os municípios, a desigualdade total de Recife é explicada quase que meio a meio por estes dois fatores (55% devido a desigualdades intra-UDHs e 45% devido a desigualdades inter-UDHs). Apenas em Boa Viagem - Zeis Entra-Apulso e Ilha do Destino os indicadores de desigualdade são muito maiores que os do município. É possível inferir pela composição da UDH que se trata de regiões pobres incrustadas dentro de Boa Viagem que não puderam ser separadas devido à indivisibilidade dos setores censitários.



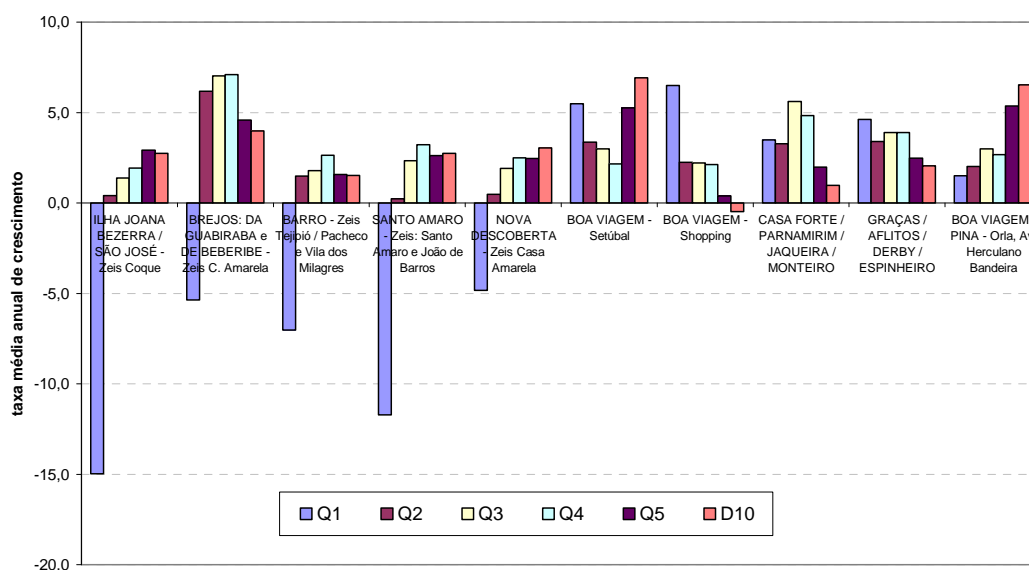
As disparidades de renda dentro e entre as UDHS podem ser observada através da renda média por extratos da população. Enquanto a renda média dos 10% mais ricos da UDH mais rica é de R\$ 8.984,49, na UDH mais pobre os 10% mais ricos têm renda média de R\$317,72.

Em termos da evolução durante o período 1991–2000, pode ser observado que os extratos mais pobres das UDHS mais pobres tiveram decréscimo absoluto de renda.

Renda per capita média dos quintos e do décimo mais rico da população 2000
(5 UDHS com menor RFPC e 5 UDHS com maior RFPC)

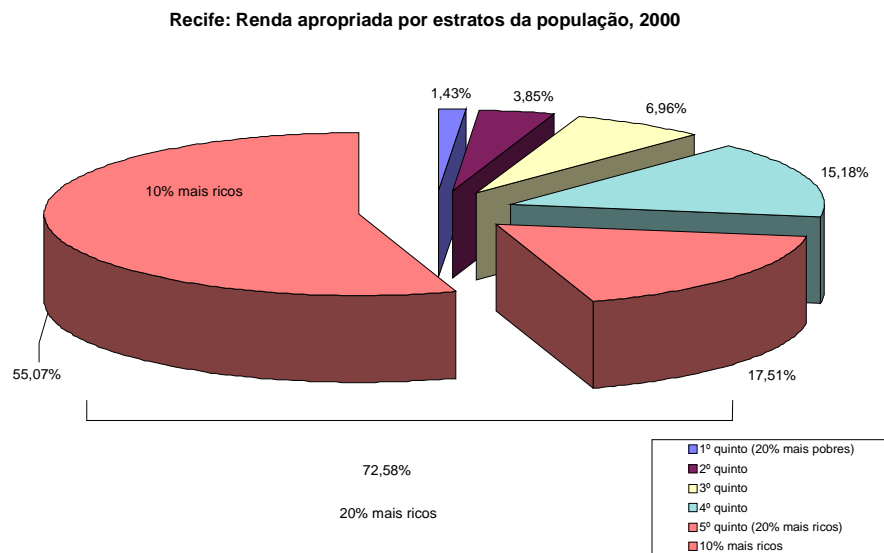


Taxa de crescimento da renda per capita média dos quintos e do décimo mais rico da população - 1991-2000
(5 UDHS com menor RFPC e 5 UDHS com maior RFPC)





Outra forma de abordar a questão da desigualdade na distribuição de renda do município como um todo é por meio da apropriação da renda por estratos da população. Conforme mostra o gráfico a seguir, enquanto os 20% mais pobres da população apropriam-se de apenas 1,4% da renda gerada no município, os 20% mais ricos ficam com 73%. Subdividindo esse grupo, tem-se que apenas os 10% mais ricos ficam com mais da metade, ou 55%.



Essa forma completamente distorcida de apropriação da renda pode ser evidenciada nas Unidades de Desenvolvimento Humano por meio de outros indicadores, como a proporção de pessoas vivendo abaixo de uma linha de pobreza e de indigência.

Tomando-se a proporção de pobres, consideradas assim as pessoas que vivem com menos de meio salário mínimo de 2000 (R\$ 75,50), observa-se que eles representam uma proporção em torno de 30% da população do Recife, um contingente de 412 mil pessoas. Aqui também a população de pobres do Recife é maior que a população total de todos os municípios de Pernambuco, com exceção do próprio Recife e de Jaboatão dos Guararapes.

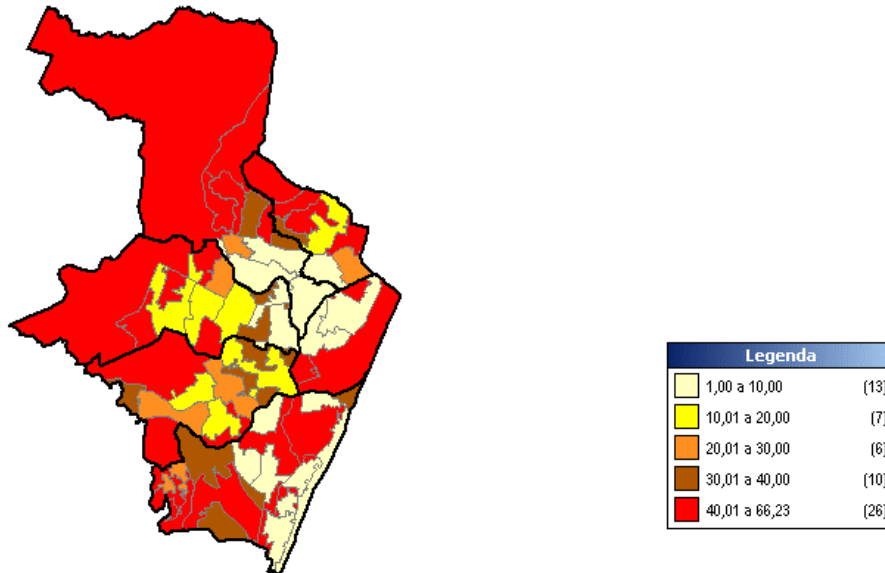
Em termos das UDHS, em 55% delas o percentual de pobres é maior que o percentual do município (30%) e em 6 delas eles representam mais de 50% da população. O maior percentual de pobres (66%) é verificado na Ilha Joana Bezerra/São José-Zeis Coque. Nessa UDH, 1/3 da população pode ser considerada indigente, ou seja, vive com menos de ¼ do salário (R\$ 37,75).

A despeito desse quadro, a pobreza diminuiu na década de 90 tanto no município como um todo (38% para 32%) como em todas as UDHS, à exceção de três: Apipucos/Dois Irmãos/Sítio dos Pintos/Guabiraba; Curado/Jardim São Paulo - Zeis Planeta dos Macacos e Boa Vista/Ilha do Leite/Paissandu, que passaram, respectivamente, de 52% para 55%, de 43% para 44% e de 3% para 4%. Nas demais, chama atenção o quanto significativa foram essas quedas, destacando-se: Brejo da Guabiraba e Brejo do Beberibe - Zeis Casa Amarela e Alto José do Pinho/Mangabeira - Zeis Casa



Amarela, que, respectivamente, passaram seus percentuais de pobres de 80% para 54% e de 58% para 32%.

Percentual de pessoas com renda per capita abaixo de R\$75,50, 2000
Todas as UDHS do Recife



Conclusão

O espaço urbano do Recife, como na maioria dos municípios brasileiros, é extremamente desigual. A perversidade dessa desigualdade é que ela é completamente explícita, pois praticamente não existem barreiras (nem mesmo ruas) dividindo esses espaços.

Assim, realidades em desenvolvimento humano que só são encontradas em países de Terceiro Mundo convivem lado a lado com outras que, muitas vezes, ultrapassam aos parâmetros dos países mais desenvolvidos, como *Boa Viagem* e suas subdivisões, *Casa Amarela* e as *Zeis Casa Amarela* etc.

É significativo observar que, se essas são regiões desiguais em renda, o são mais ainda em indicadores sociais, principalmente *educação*. Por exemplo: enquanto o coeficiente de variação de todas as Unidades de Desenvolvimento Humano em renda é de 1,06, no indicador de pessoas adultas com mais de 12 anos de estudos é de 1,13, ou seja, as distâncias em relação às médias são maiores em educação do que em renda.

Nas UDHS com maiores rendas *per capita*, a proporção da população adulta com mais de 12 anos de estudo fica acima de 50%, em mais da metade das Unidades de Desenvolvimento Humano esta proporção não chega a 10% e naquelas com as menores rendas não chega a 2%.

A média de estudo da UDH com maior nível educacional e segundo maior nível de renda *per capita*, Graças/Aflitos/Derby/Espinheiro, é mais de três vezes superior à da UDH com menor média, Ilha



Joana Bezerra/São José - Zeis Coque (4 anos), onde também se verifica o menor nível de renda *per capita*.

Pior do que isso é constatar que não existe, no escopo das próximas gerações, nenhuma perspectiva de mudança dessa realidade: o coeficiente de variação entre as Unidades de Desenvolvimento Humano no indicador de jovens-adultos (18 a 24 anos) freqüentando curso superior chega a 1,23. Em 25% das UDHs o percentual desses jovens-adultos em curso superior não chega a 2%, sendo que nas três com renda *per capita* mais baixas é 0% e em 70% delas é menos de 10%. Já nas 10 UDHs com renda *per capita* mais alta, a proporção é superior a 30%, chegando a 58% em Graças/Aflitos/Derby/Espinheiro.